

27/11/2018 09:40 - Bolsonaro acertou?



A escolha do professor Ricardo Velez caiu como surpresa, pois as hipóteses para o Ministério da Educação eram totalmente outras. Autor de livro anti-PT, anti-marxista e principalmente anti-esquerda, o professor Ricardo terá a missão de levar as propostas para a educação de Bolsonaro a frente. Velez Rodríguez não tem o olhar vidrado de Guilherme Schelb, o bode habilmente introduzido na sala pelas especulações de ontem para o MEC.

Até onde sei, não se vê como alguém a quem Deus em pessoa confiou a missão de derrotar os ímpios. Uma olhada no seu currículo indica que sempre foi conservador, mas que – coincidência ou não – se radicalizou e assumiu um discurso tão caricato só quando essas posturas começaram a render vantagens. Mas isso não faz dele uma opção melhor. Um com fanatismo, outro de forma mais calculista, ambos

abraçam o mesmo projeto, que é o combate sem tréguas à educação no Brasil.

Rodríguez disse ter sido recomendado para o cargo de ministro da Educação no dia 7 de novembro, conforme escreveu em seu blog. Nesse dia, publicou um texto intitulado Um roteiro para o MEC, no qual diz que a proliferação de leis e regulamentos tornou os brasileiros “refêns de um sistema de ensino alheio às suas vidas e afinado com a tentativa de impor, à sociedade, uma doutrinação de índole cientificista e enquistada na ideologia marxista”. Isso levaria, segundo ele, a “invenções deletérias em matéria pedagógica como a educação de gênero, a dialética do 'nós contra eles', tudo destinado a desmontar os valores da sociedade, 'no que tange à preservação da vida, da família, da religião, da cidadania, em soma, do patriotismo'".

O discurso é afinado com a pregação de Bolsonaro e do Escola Sem Partido, defendido pelo presidente eleito e aliados, que inclui, além da ideia de que é preciso combater o "esquerdismo" na educação, a demonização da discussão de gênero nas escolas. Esses temas, que já afetam a rotina nas instituições de ensino e provocam um temor de uma caça às bruxas, foram bandeiras de destaque do ultradireitista durante a campanha tornando o Ministério da Educação uma trincheira estratégica de seu futuro Governo.

O tema não sairá da agenda tão cedo. Um projeto do Escola sem Partido tramita na Câmara e um julgamento sobre o tema no Supremo Tribunal Federal, previsto para ainda este mês, deve colocar fogo de vez neste debate.

NOVO MINISTRO E SUAS POLÊMICAS

Ricardo Velez postou em sua conta no Facebook que o Golpe Militar é uma data para se comemorar e ser lembrada. Rodríguez defende que o golpe de 64 foi uma “revolução institucional”, com o objetivo de corrigir o “tumo enviesado pelo populismo janguista”. Para ele, a ditadura militar livrou o Brasil do comunismo. “Nos poupou os rios de sangue causados pelas guerrilhas totalitárias”, afirmou citando como exemplo as Farc, na Colômbia. Também crítica o Programa Nacional de Direitos Humanos, instituído em 2009, pelo qual, acredita Rodríguez, “os coletivos sindicais iriam tomar posse de todas as instâncias de poder (...), chegando ‘a formulação de uma nova versão de ‘direitos humanos’ identificados unicamente com a defesa da república sindical lulopetista”.

OS REITORES DAS UNIVERSIDADES FEDERAIS

O ministro escolhido por Jair Bolsonaro defende um controle mais rígido do Estado nas contas das universidades federais. Segundo Ricardo Velez, embora a Constituição Federal de 1988 trata da autonomia das universidades, o dinheiro público não se gasta com autonomia, existe sim órgãos de controle externo do Poder Público que devem fiscalizar se os recursos estão sendo utilizados corretamente. Segundo o ministro, o problema não está na autonomia, pois ela é uma conquista constitucional das universidades que não podem ser resumidas numa figura de pessoa física que é o Reitor. O aparelhamento marxista e esquerdista nas universidades promovido pelo governo Lula (PT) desde 2003 criou uma gastança descontrolada e desordenada por parte dos reitores das universidades federais que precisa ser combatida.

ESCOLAS PÚBLICAS – EDUCAÇÃO BÁSICA

O novo ministro tem um posicionamento semelhante ao de Bolsonaro. É preciso se gastar com a base e não com o ápice. A desproporcionalidade entre os gastos entre o ensino superior e a educação básica fere a LDB 9394/96 e a própria Constituição. Um aluno da educação básica do ensino fundamental custa até 10 vezes menos a um aluno de Engenharia de uma Universidade Federal. Em qualquer outro país do globo essa regra não existe.

Fonte: Victoria Angelo Bacon

Notícias RO